

Entre jangadas de pedras e ilhas desconhecidas: repensando a questão identitária portuguesa a partir da cartografia saramaguiana

Maíra Ribeiro Maximiano dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo construir relações entre duas obras de José Saramago inseridas no *topos* da navegação, tão caro à literatura portuguesa: *A Jangada de Pedra* e *O Conto da ilha Desconhecida*, e, navegando na abordagem crítica da história lusitana (tendo como referenciais teóricos Eduardo Lourenço e Boaventura de Souza Santos), observar as possibilidades que emergem ao se estabelecer, pelas vias da literatura, uma nova cartografia como resposta à questão identitária portuguesa.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; José Saramago; Literatura contemporânea; Identidade, História.

ABSTRACT

This article aims to build relationships between two works by José Saramago inserted in the *topos* of navigation, so dear to Portuguese literature: *A Jangada de Pedra* and *O Conto da Ilha Desconhecida*, and, navigating in the critical approach of Lusitanian history (having as theoretical references Eduardo Lourenço and Boaventura de Souza Santos), to observe the possibilities that emerge when establishing, through literature, a new cartography as an answer to the Portuguese identity question.

Keywords: Portuguese Literature; José Saramago; Contemporary Literature; Identity, History.

1 Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Letras - Português pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). ORCID:0000-0002-1065-306X Email: maira.maximiano@gmail.com



1. Introdução

"[...] pois a virtude dos mapas é essa, exibem a redutível disponibilidade do espaço, previnem que tudo pode acontecer nele. E acontece." (SARAMAGO, 2006, p.17)

Em *Um Falcão no Punho*, Maria Gabriela Llansol diz: "Queria desfazer o nó que liga, na literatura portuguesa, a água e os seus maiores textos. Mas esse nó é muito forte, um paradigma frontalmente inatacável." (LLANSOL, 1988, p.2)

Incontornável na literatura portuguesa, a água² é o símbolo responsável pela condição paradoxal na qual está construída a imagem luminosa e obscura de Portugal. Ao mesmo tempo em que o ato de se lançar ao mar foi um feito prodigioso e glorioso, não há como não demarcar os danos irreparáveis decorrentes das navegações e de toda história construída a partir delas. Para entender o presente, portanto, é necessário pontuar as falhas, revelar o obscurantismo muitas vezes latente, e apontar para um possível futuro que não seja um desdobramento do desejo imperial justificado por uma predileção divina.

Ao pensar na necessidade da construção de uma autoimagem lúcida de Portugal de seu tempo, José Saramago propõe desatar o nó a partir do próprio nó, revisitando as origens do passado dito esplendoroso para dar a ele outros rumos. Sendo a viagem marítima a matriz do percurso identitário português, é a partir dela que o autor irá propor novas alternativas para repensar a posição do seu país na contemporaneidade. O presente artigo, então, tem como objetivo construir relações entre duas obras de José Saramago inseridas no *topos* da navegação, tão caro à

2 Gaston Bachelard, em seu ensaio "A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação da Matéria", discute o simbolismo da água e sua relação com a imaginação humana. O autor analisa a água em diversas perspectivas, como a água como elemento físico, como elemento psicológico e como símbolo poético.



literatura portuguesa: *A Jangada de Pedra* e *O Conto da ilha Desconhecida*, e, navegando na abordagem crítica da história lusitana, observar as possibilidades que emergem ao se estabelecer, pelas vias da literatura, uma nova cartografia como resposta à questão identitária portuguesa.

Pensemos na *Jangada de Pedra* e sua publicação datada em 1986, década cuja produção saramaguiana esteve submersa em temas voltados para a cultura e história de Portugal, com publicações de obras como: *Memorial do Convento* (1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), e *História do Cerco de Lisboa* (1989). Reavaliar e reescrever o passado é, portanto, um tema recorrente na escrita de Saramago, não no sentido saudosista de resgatar a história, mas reinventá-la, questionando as verdades ditas como imutáveis, incluindo as diferenças e minorias, e dando voz àqueles que sempre foram silenciados e apagados da história oficial.

Segundo Maria Tereza Cerdeira, o texto de José Saramago:

indaga sempre os documentos e os faz falar de modo diverso. Desfaz algumas vezes a sua monumentalidade quando destitui o poder instituído em nome das falas emudecidas. Desabsolutiza os discursos eternos, corrompe o factual, historiciza o fantástico e faz do absurdo uma forma de pensar a crise. (CERDEIRA, 2000, p.212)

É nesta perspectiva que se insere *A jangada de Pedra*. A partir dos debates sobre a identidade ibérica que se instauraram com o ingresso de Portugal na Comunidade Econômica Europeia, Saramago propõe, por vias insólitas, uma alternativa radical, ainda que coerente com a verdadeira relação entre Portugal e a Europa. Eis a proposta: E se a península ibérica se separasse, literalmente, do continente europeu? Mais do que declarar simbolicamente sua recusa ao projeto de adesão ibérica à União Europeia, o autor nos convida a uma viagem não mais motivada pelo domínio, mas pela partilha, não mais em uma nau imponente, mas em uma jangada de pedra que, à deriva no atlântico, rompe com as leis naturais e navega em diferentes planos, a fim de construir uma nova identidade e encontrar seu novo lugar no mundo.



Na obra de um autor reconhecido por ficcionalizar a história, dessacralizar os discursos e questionar as autoridades, não nos é estranha sua ação de interferir nos limites impostos pela cartografia, já que ela representa uma certa ordem e estabilidade do mundo, também alvos da sua crítica. A inexplicável ruptura geológica que separa a península ibérica da Europa, portanto, é mais um entre tantos gestos de insubordinação que encontramos na poética de Saramago, considerada por Jean Pierre Chauvin³ (2020) como “poética da insubordinação”. A fenda que se abre entre a península e o continente, então, ainda que insólita, não é colocada de maneira gratuita, certamente há muito o que dizer aos leitores que embarcam nesta viagem extraordinária.

“De fato, se nos reportamos ao romance, veremos que a península deixa de ser península para adquirir novas possibilidades; ao navegar pelo oceano afora, a agora ilha, desligada tanto física quanto simbolicamente de suas raízes, pode reavaliar sua condição anterior.” (PENHA, 2007, p.82)

O rompimento dos limites cartográficos já estabelecidos também pode ser notado em outra obra de Saramago: *O Conto da ilha desconhecida*, quando um homem, movido pelo desejo do desconhecido, pede ao rei um barco, pois está decidido ir à procura de uma ilha que não se encontra nos mapas.

A ideia de um mundo completamente mapeado confronta os sujeitos, porque eles têm a impressão de que todos os espaços do mundo são seguros, dando o conhecimento prévio que se tem sobre eles. Lembremo-nos, por exemplo, da época em que o homem lançou-se pelo mundo e navegou para descobrir terras desconhecidas: era um tempo em que o desconhecido fazia o homem imaginar enormes monstros e perigos. A ideia de um conhecimento total sobre o mundo deu-se por intermédio principalmente de mapas e essa ideia confortou o homem, especializou utopicamente o mundo. (GAMA-KHALIL, 2009, p.70)

Ao questionar e transformar os mapas, assim como faz com os documentos oficiais em *História do cerco de Lisboa*, Saramago abre um caminho de possibilidades no mar de certezas cristalizadas, rumo ao que ainda não é conhecido – ou que não se deixa conhecer.

3 CHAUVIN, Jean Pierre. José Saramago e a poética da Insubordinação. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 98, p. 345-356, 2020.



Ao retirar o homem de seu espaço seguro e colocá-lo em situações-limite, ambas as narrativas exploram as reações humanas diante do incerto. Estar diante do “mar outra vez desconhecido”, assim como ir à procura da ilha desconhecida, é uma espécie de retorno às origens da nacionalidade, mas, desta vez, o caminho refeito é mercado pelo processo do reconhecimento de si que se faz, sobretudo, pelo reconhecimento do outro.

Quais os destinos das personagens? Que descobertas estão por vir? Em que porto atracarão? O que revelam as diferentes viagens sobre a identidade portuguesa? É a partir dessas perguntas que estabeleceremos uma ponte entre essas embarcações. Antes de tudo, vale ressaltar que a ponte inaugural entre as duas obras se encontra dentro de um dos primeiros capítulos de *A jangada de pedra*:

D. João o Segundo, nosso rei, perfeito de cognome e a meu ver humorista perfeito, deu a certo fidalgo uma ilha imaginária, diga-me você se sabe doutro país onde pudesse ter acontecido uma história como essa, E o fidalgo, que fez o fidalgo, foi-se ao mar à procura dela, gostaria bem que me dissessem como se pode encontrar uma ilha imaginária, A tanto não chega a minha ciência, mas essa outra ilha, a ibérica, que era península e deixou de o ser, vejo-a eu como se, com humor igual, tivesse decidido meter-se ao mar a procura de homens imaginários. (SARAMAGO, 2006, p.55)

A fala da personagem José Ainaço, ao se referir a uma ilha imaginária, aponta para a matéria do que virá a ser *O conto da ilha desconhecida*, publicado anos depois em 1997. Nesta passagem, podemos observar que os movimentos operam a partir de uma lógica contrária. Diferente do homem que vai à procura da ilha imaginária, a península, agora ilha, movida por uma vontade própria, navega para encontrar os “homens imaginários”.

Para lançar-se de volta ao mar, faz-se necessária a estranha cartografia de Saramago que, entre as viagens da ilha desconhecida e da ilha ibérica, propõe que o único caminho para entender aquilo que se é, é colocar-se novamente a caminho. Tomando essas ilhas como possíveis metáforas de Portugal, analisemos a seguir os desdobramentos de cada viagem como alternativas para uma reconfiguração não só cartográfica, mas principalmente humana a partir do encontro com o desconhecido que há no outro e em si mesmo.



2. Em busca de uma ilha desconhecida

“quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver.” (*O Conto da ilha desconhecida*, p.40)

Pensemos no ser humano como sujeito movido pelo desconhecido, pelos desejos que revelam dúvidas e dúvidas que podem revelar descobertas, a partir do momento em que se deixa o pensamento cômodo e habitual para dar lugar às mudanças que podem transformar a vida de quem está disposto a buscá-las. Podemos encontrar na figura do navegador a expressão máxima dessa estranha obsessão humana.

É sobre esse espírito desbravador que Saramago escreve *O Conto da Ilha Desconhecida*, em que o tom de parábola atribuído ao texto assume o papel de lançar um convite ao leitor para navegar além de suas entrelinhas. Dispondo dessa característica de leitura que envolve múltiplas interpretações, a mais recorrente é a questão filosófica do abrir as portas da própria percepção, do sujeito como eterno navegante de si mesmo. Condensando a obra em seus trechos substanciais, o conto trata essencialmente do princípio de que “todo homem é uma ilha”, e “que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós”.

Há, porém, outras possibilidades de interpretação constituídas a partir de uma abordagem crítica à história de Portugal: da existência de Portugal como ilha já descoberta e fechada em si mesma, ou como ilha desconhecida que busca uma nova identidade.

No conto, um homem bate à porta do rei para fazer um pedido. Recusando as vias burocráticas, ele espera três dias para que o rei o atendesse pessoalmente. Quando finalmente o rei o ouve, o homem pede um barco, pois está empenhado em encontrar uma ilha desconhecida. Imediatamente sua ideia é ridicularizada e confrontada pela autoridade:



Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se estivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa de que queres ir a procura, Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida, A quem ouviste falar dela, perguntou o rei, agora mais sério, A ninguém, Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe, Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida. (SARAMAGO,1998, p.17)

Há também outros personagens que resistem à ideia do homem. Como podemos observar no diálogo entre o homem que foi escolher seu barco e o capitão do porto:

já não há ilhas desconhecidas, O mesmo me disse o rei, O que ele sabe de ilhas, aprendeu-o comigo, É estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas, homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não embarcarmos nelas. (SARAMAGO,1998,p.27)

Outro diálogo que marca o posicionamento cético dos personagens em relação ao desejo do homem, é o que ocorre entre o próprio homem e a mulher da limpeza, quando relata a tentativa frustrada de convencer os marinheiros a embarcarem com ele em sua busca:

Disseram-me que já não há mais ilhas desconhecidas, e que, mesmo que as houvesse, não iriam eles tirar-se do sossego de seus lares e da boa vida dos barcos de carreira para se meterem em aventuras oceânicas, à procura de um impossível, como se ainda estivéssemos no tempo do mar tenebroso, E tu, que lhes respondeste, Que o mar é sempre tenebroso. (SARAMAGO,1998, p.39)

Sem tripulação, apenas com o barco ainda no cais e a companhia da mulher da limpeza, o homem dorme e sonha com a embarcação em alto mar com a tripulação completa, até que, no mesmo sonho, as pessoas que se passavam por marinheiros para aproveitarem a viagem se cansam de procurar a ilha desconhecida e resolvem desembarcar na primeira terra povoada que aparecer.

A ilha desconhecida é coisa que não existe, não passa duma ideia da tua cabeça, os geógrafos do rei foram ver nos mapas e declararam que ilhas por conhecer é coisa que se acabou desde há muito tempo, Devíeis ter ficado na cidade, em lugar de vir atrapalhar-me a navegação, Andávamos à procura de um sítio melhor para viver e resolvemos aproveitar a tua viagem, Não sois marinheiro, Nunca o fomos, Sozinho, não serei capaz de governar o barco, Pensasses nisso antes de ir pedi-lo ao rei, o mar não ensina a navegar. (SARAMAGO,1998, p.56-57)



Na mesma perspectiva dos personagens que surgem para barrar a ideia da procura da ilha desconhecida, ao pensarmos em Portugal como ilha fechada em si mesma, o posicionamento da nação corresponde à reação dos personagens resistentes à ideia de novas possibilidades, correspondendo também ao comportamento do rei que vive do passado, de seu título e suas posses, que ignora os problemas presentes e necessidades reais da população, ironizando o pedido do homem, dizendo não haver ilhas desconhecidas uma vez que todas já estão no mapa.

A posição ilhada de Portugal é consequência, segundo Eduardo Lourenço (1999), da obsessão em ser uma nação com destino imperial (tal qual o foi no século XV), porém, através dos tempos, essa autoimagem imperial intacta resultou na não participação do desenvolvimento social, econômico e político pelo qual a Europa se reconfigurava.

É então que se dá conta até que ponto a sua situação é singular. E dessa singularidade faz parte o estranhíssimo fenômeno, mais que paradoxal, de ter sido durante séculos uma nação que viveu e se viveu simbolicamente como uma ilha, sendo ao mesmo tempo um povo que desde o século XV e XVI se instalara no papel de descobridor e colonizador (...). Nesse diagnóstico não era muito claro que essa situação de país isolado e esse alheamento, pelo menos relativo, do movimento geral da civilização e cultura europeias, tinha uma relação íntima com esse fato, ainda hoje insólito, de uma pequena nação se ter convertido num Império. Só hoje, no fim desse império, aparece com outra evidência que a nossa situação de “ilha”, quando nos consideramos em relação à Europa, está intimamente conexas com nosso destino imperial. (LOURENÇO, 1999, p. 95)

A sacralização de sua origem, o viver-se como povo de uma predileção divina, em uma existência miraculosa, fez do destino de Portugal elemento inseparável das ficções, a ponto de seus quadros míticos serem transfigurados em quadros históricos, determinando a passagem de Portugal de ilha imperial gloriosa para “ilha mítica” por excelência.

Durante séculos, nem para nós nem para os outros Portugal era outra coisa que não “um país que tinha um Império”. E nesse estatuto que foi - e que continua sendo nossa memória - o identificador supremo de Portugal, convertera-nos na ilha histórica mítica por excelência da Europa. (LOURENÇO, 1999, p. 95)

Pensar em Portugal como ilha, sendo ele a primeira potência colonial da Europa, responsável pela expansão ultramarina, pode parecer contraditório, mas se



observarmos a sua ação colonizadora não auto-reflexiva ⁴, confirmamos seu status. Com os descobrimentos, Portugal passa a ser dois, o continental e o ultra marítimo, porém, estando em vários lugares não estava em lugar algum, nem em relação a si mesmo, nem em relação à Europa. Portugal estava muito próximo de suas colônias (do ponto de vista do desenvolvimento econômico, industrial e político) para ser um país europeu pleno, e muito distante da Europa para poder exercer seu papel de colonizador de maneira consequente (não incentivando o crescimento local), e é nesse cenário que podemos destacar o acentrismo que caracteriza a cultura portuguesa:

Enquanto cultura europeia, a cultura europeia foi uma periferia que, como tal, assumiu mal o papel de centro nas periferias não-europeias da Europa. Daí o acentrismo característico da cultura portuguesa que se traduz numa dificuldade de diferenciação face ao exterior e numa identificação no interior de si mesma. (SANTOS, 2005, p.52)

A cultura lusitana, segundo Boaventura de Souza Santos (2005), dá-se então como uma “cultura de fronteira/cultura da zona fronteira”, em que o vazio não está do lado de fora, mas em seu interior, atestando mais uma vez sua condição ilhada. Para o sociólogo: “A nossa fronteira não é *frontier*, é *border*. A cultura portuguesa é uma cultura da fronteira, não porque para além de nós se concebia o vazio, uma terra de ninguém, mas porque de algum modo o vazio está do lado de cá, do nosso lado” (SANTOS, 2005, p.152-153).

Sobre o cosmopolitismo que resulta no acentrismo português, Boaventura cita Fernando Pessoa:

Num texto de 1923, Fernando Pessoa definia melhor o arquétipo cultural da fronteira do que eu o poderia jamais fazer: “O povo português é essencialmente cosmopolita. Nunca um verdadeiro português foi português, foi sempre tudo. Ora ser tudo em um indivíduo é ser tudo; ser tudo em uma coletividade é cada um dos indivíduos não ser nada” (Pessoa, 1923: 8). (SANTOS, 2005, p.153)

A busca pelo protagonismo pautada no irrealismo permanece até hoje nos portugueses, quando percebemos que não há (assim como nunca houve)

4 LOURENÇO, Eduardo. Situação Africana e Consciência Nacional. Amadora: Gênese, 1976.



interiorização/apropriação afetiva e cultural em relação à Europa, o que existe é a negação do lugar da Europa no imaginário português, uma vez que, quando não há a interiorização, também não há espaço para a comparação.

A Europa era, para a generalidade dos portugueses, além da escolar realidade geográfica óbvia, uma entidade econômica, política, cultural, complexa, de conteúdo e contornos imprecisos. Objecto de fascínio ou de desdém para uma minoria, para a maior parte era percebida como vagamente ameaçadora a nossa paz de espírito e de alma, mas, num caso e noutro, sem autêntica interiorização. (LOURENÇO, 2001, p.105)

Entendendo o autismo como condição permanente causada por um distúrbio neurológico caracterizado principalmente pelo comprometimento da interação social, pela dificuldade na comunicação (verbal e não-verbal), por interesses obsessivos e comportamentos repetitivos, pode também ser outra metáfora que caracteriza Portugal considerando seu comportamento particular recluso.

O comportamento autista de Portugal, portanto, pode ser entendido como uma resposta, uma descarga da energia investida em esconder sua fragilidade, um mecanismo de defesa, ação compreendida nos termos psicanalistas como recalque: tentativa inconsciente de esquecer pensamentos, lembranças e etc. que não se ajustam a imagem que temos do mundo e de nós mesmos. O estado recalcado de Portugal, enfim, mostra a dificuldade que o país tem em reconhecer sua verdadeira imagem utópica e sem diálogo, alimentando sempre a onírica, orgulhosa e superior imagem de Quinto Império.

A imagem alienada que Portugal tem de si mesmo, assim como o seu caráter providencial, se dão pela impossibilidade de encarar os traumas acumulados no decorrer da sua existência, pela impossibilidade de sair de si para investigar-se e descobrir-se.

Quando Eduardo Lourenço coloca Portugal num divã⁵, o ensaísta retira os traumas que estão “debaixo do tapete” numa tentativa de inscrever Portugal na

5. Ao escrever, em 1978, *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*.



história, trazendo para o consciente o que está no inconsciente através da narratividade- ato de transformar em linguagem, pois todo mundo tem uma narrativa e uma autonarrativa, essa última, entretanto, que pode ser considerada a imagem que temos de nós mesmos, precisa ser vista por fora, na mesma perspectiva de que é preciso sair da ilha para ver a ilha.

Sendo a inscrição, segundo José Gil (2008), o ato que implica a “ação, afirmação, decisão com as quais o indivíduo conquista sua autonomia e sentido para a sua existência”, dada sua idiosincrasia aprisionada na redoma da imagem mítica de si, Portugal, que ao longo da história teve apenas o oceano como interlocutor, sempre alimentou a impossibilidade de se inscrever na história.

como isso é possível? É possível porque as consciências vivem no nevoeiro. O que é o nevoeiro? Ele é a causa da não inscrição ou esta existe por efeito daquele? É impossível responder essa questão. Existiria antes uma dupla causalidade recíproca a partir de um trauma inicial, ele próprio resultado da convergência e da acumulação de muitos pequenos acontecimentos traumáticos que fugiram à inscrição (histórica, social e individual). Qualquer coisa como um Alcácer Quibir que se recusa a aceitar e de onde nasceu o nevoeiro. Não o da lenda que é fruto e lugar de epifania, mas uma neblina presente que se apodera no interior da consciência e a rói, sem que ela se dê por isso. (GIL,2008, p.18)

É preciso, portanto, inscrever os traumas que fugiram à inscrição, sair de si para enxergar-se e construir uma nova identidade distante das lembranças dos tempos memoriais, uma vez que, nas palavras de Lourenço: “Talvez todos os povos existam em função de certo momento solar que confere sentido e euforia magicamente a memória do que são: mas poucos com tanto radicalismo e constância como o povo português” (LOURENÇO, 1994, p.10-11).

O eterno devir de Portugal como um destino imperial ainda a se cumprir faz-se a partir do permanente ciclo vicioso autista e narcisístico, em oposição ao conceito de devir que segundo Deleuze e Guattari ⁶ funciona sempre a dois, a partir do encontro. Devir esse que, parabolizado no conto de Saramago, acontece por expansão,

6 DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.4 . São Paulo: Ed. 54, 1997.



por contágio, pela descoberta de si através do outro, com o outro, e que possibilita o outro a descobrir-se também.

Esse “outro” no conto é representado pela figura da mulher da limpeza que, também movida pelo desejo do novo, segue o homem em sua empreitada. O homem, depois de ter se decepcionado com tantas críticas, ao encontrar a mulher, percebe que, além da embarcação, já tinha tudo o que precisava para começar finalmente a sua viagem.

No conto, somente o encontro com o outro possibilita a viagem rumo à ilha desconhecida que, ao final, entendemos que não simboliza um lugar para se chegar, mas um momento para decidir lançar-se ao mar, sempre tenebroso, que é a vida.

Acordou abraçado à mulher da limpeza, e ela a ele, confundidos os corpos (...) Depois, mal o sol acabou de nascer, o homem e a mulher foram pintar na proa do barco, de um lado e do outro, em letras brancas, o nome que ainda faltava dar à caravela. Pela hora do meio-dia, com a maré, A ilha desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma. (SARAMAGO, 1998, p.62)

É aí que podemos pensar em uma possível segunda imagem de Portugal, não mais como ilha reclusa em si mesma, mas uma ilha desconhecida empenhada em descobrir-se, ultrapassar a terra firme do passado e lançar-se às águas (sempre tenebrosas) do presente para saber quem é, assim como fez o protagonista da alegoria: “ (...) quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, Não o sabes, Se não saís de ti, não chegas a saber quem és ” (SARAMAGO, 1998, p. 40).

O homem e a mulher da limpeza podem representar, então, uma outra postura em relação à história. Não enxergando o passado como fim em si mesmo, nem como uma barreira para que se encontre outras maneiras de viver o presente.

No conto, portanto, encontramos personagens que podem representar dois posicionamentos diferentes em relação ao passado português. O primeiro por meio das personagens como o rei, o capitão do porto, os geógrafos do rei e a tripulação que, céticos frente à ideia do homem, representam a estaticidade e conforto em relação a



tudo o que já foi conquistado. O segundo por meio do homem e da mulher da limpeza, que, movidos pelo sonho e a necessidade de mudança, decidem ir à procura da ilha desconhecida e juntos embarcam na constante descoberta de si mesmos.

Dentro do cenário da narrativa existiam as portas do reino, dentre elas a das petições, a dos obséquios e a das decisões. “(...), mas a mulher da limpeza não está, deu a volta e saiu com o balde e a vassoura por outra porta, a das decisões, que é raro ser usada, mas quando o é, é.” (SARAMAGO, 1998, p.23). Chegar, pois, à Ilha Desconhecida só é possível após sair pela porta das decisões. Entre as duas opções, a passividade e o inconformismo, que o presente oferece a Portugal, cabe a ele decidir sua posição.

O conto, enfim, ao mesmo tempo que metaforiza Portugal em uma ilha encerrada em si mesma, abre a possibilidade de configurá-lo como uma ilha desconhecida, indicando que, a partir do exercício da alteridade, as grandes navegações continuam. Agora, porém, movidas não mais pelo desejo da conquista, mas do encontro consigo e com o outro.

3. Uma jangada de pedra à deriva no Atlântico

There is a crack in everything
That's how the light gets in (Leonard Cohen)

Após observarmos o percurso de um barco a se transformar em ilha navegante, falaremos agora de uma península-ilha que se transforma em barco, ou melhor, em uma jangada de pedra à deriva no Atlântico.

A partir de um fenômeno geológico insólito responsável por separar a península ibérica do continente europeu, a narrativa acompanha tanto os desdobramentos políticos e sociais que surgem a partir da abertura da misteriosa fenda, como as histórias de cinco personagens que navegam nesta jangada rumo ao desconhecido. Há, portanto, uma dupla viagem, uma terrestre, conduzida pelo



encontro entre as personagens que se deslocam nas terras peninsulares, e outra marítima, que se faz pela rota incerta e, por isso perigosa, da ilha flutuante: “(...) a massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com a sua gente e seus animais, começou a mover-se, barca que se afasta do porto e aponta ao mar outra vez desconhecido” (SARAMAGO, 2016, p.39).

Ao romper com a configuração geográfica estabelecida, a jangada de pedra coloca em xeque o lugar da península ibérica na Europa, na tentativa de traçar novamente um caminho que aponte para seu novo lugar no mundo. Segundo Gisela Maria de Lima Braga Penha:

A navegação da península nada tem de heroico ou previsível em termos de missão histórica; ao contrário, é uma navegação às cegas, não guiada por um intuito imperialista ou conquistador, mas movida por impulsos de busca por si mesma, a sua rebeldia em relação à uma vida aprisionada à condição de apêndice da Europa (PENHA, 2007, p.114-115).

Estando a península empírica, então, geograficamente e simbolicamente à parte da Europa, Saramago desafia as leis da física ao assumir por completo, a partir da alegoria, a condição de ilha dos povos peninsulares. É preciso, portanto, a partir da fenda dos pirineus, refazer um caminho identitário longe da velha Europa.

É importante lembrar que, no mesmo ano de publicação da obra, ocorre a adesão de Portugal à Comunidade Econômica Europeia. *A Jangada de Pedra*, então, vista a partir desse momento histórico, soa como uma resposta de rejeição a esse acontecimento.

Quando, no romance, acompanhamos a transformação da península em jangada de pedra, há uma comoção mundial entre as autoridades em apoio à península. Em certo momento a própria CEE declara seu apoio, mas é nos bastidores desse momento solene que podemos notar o real sentimento dos países membros da Comunidade Econômica Europeia diante do acontecimento insólito: “(...) alguns países membros chegaram a manifestar um certo desprendimento, palavra sobre



todas exacta, indo ao ponto de insinuar que se a Península Ibérica se queria ir embora, então que fosse, o erro foi tê-la deixado entrar” (SARAMAGO, 2006, P.38-39).

Em *Nós e a Europa*, Eduardo Lourenço (1994) explica o olhar do europeu frente a Península:

Assim nasceu no interior do processo cultural da península, pouco a pouco, uma querela de que a Europa é o centro, ou antes, a Europa enquanto prática intelectual e cultural de um tipo diverso do da Península. A partir dela começamos a ser vistos como “outros”, a ser objeto de comiseração ou condescendência e a replicar, de dentro, com orgulho ou desdém, ao mesmo tempo fundo e obtuso” (LOURENÇO, 1994, p.57).

Mais uma vez Saramago ficcionaliza a história, dessa vez de seu presente, e a *Jangada de Pedra*, em resposta aos debates identitários sucedidos pelo momento, se constrói como possibilidade de refazer o caminho da identidade portuguesa, agora ao lado de sua vizinha Espanha. Justamente a Espanha que, ao decorrer da história, assumiu o papel de “inimigo hereditário” e “parceiro forçado”, segundo Eduardo Lourenço⁷ (1999).

A Espanha durante o século XVII integra, inconscientemente ou não, o patrimônio lusitano no seu, e Portugal, consciente ou inconscientemente, refluí para si mesmo, torna-se de ilha imperial gloriosa para ilha perdida na qual espera a ressurreição de seu passado simbolicamente intacto e como que sublimado naquela obra que durante esses sessenta anos guardara intacta a memória do passado. (LOURENÇO, 1999, p.97)

Irônico pensar no posicionamento recluso de Portugal durante o período da União Ibérica do século XVII, pois tal comportamento não será repetido durante a travessia da jangada de pedra, que não deixa de ser, por diferentes fins e meios, a instauração de uma nova união ibérica. Mais um exemplo da reescrita que o romance faz da identidade de Portugal, que subverte o que antes fora um dos traumas⁸, em redenção.

7. LOURENÇO, Eduardo. “*Portugal como destino: dramaturgia cultural portuguesa*”. In: *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P.89-152.

8. Em *Psicanálise mítica do destino português*, Eduardo Lourenço (1991) elenca a união ibérica como um dos traumas da identidade portuguesa, entre outros traumas como a própria fundação do país e o *ultimatum* inglês.



Ainda que o movimento responsável por instaurar o fenômeno na trama seja de separação (em relação à Europa), nota-se que a união, a conciliação, e a comunhão é o que conduz toda a narrativa da viagem, que também se faz pela terra, a partir dos encontros com os personagens.

O encontro entre os protagonistas se forma a fim de descobrirem respostas para o deslocamento da península, fenômeno inexplicável que se associa aos outros particulares fenômenos inexplicáveis das cinco personagens, que não por coincidência, possuem origens diversas: Joana Carda, Joaquim Sassa e José Anaíço (portugueses), Maria Guavaira (originária da Galiza), e Pedro Orce (espanhol).

Nesta viagem conduzida por encontros a reescrever uma história que se fez reclusa em si mesma, não é somente o insólito que une os personagens, como podemos ver na fala de Joana Carda: “Se fui a Lisboa procurá-los não terá sido tanto por causa dos insólitos a que estão ligados, mas porque os vi como pessoas separadas da lógica aparente do mundo, e assim, precisamente me sinto eu (...)” (SARAMAGO, 2006, p.127)

A formação de uma nova identidade, portanto, não requer somente uma mudança geográfica, mas uma mudança de visão, de perspectiva, que só é possível através de “pessoas separadas da lógica aparente do mundo”. As duas viagens, do macrocosmo (jangada) e do microcosmo (personagens), precisam ser lidas como uma unidade, em que uma atribui sentido a outra. A leitura do romance, a interpretação das imagens alegóricas que constroem a jangada, portanto, também precisa se fazer a partir de encontros.

A península, após a abertura da fenda, se destaca completamente do continente europeu navegando à deriva pelo oceano Atlântico, a possibilidade de chocar-se com os Açores ameaça e coloca a população em desespero, porém, e mais uma vez sem qualquer explicação, ela muda de direção navegando rumo à Groelândia e a Islândia até o momento em que para e começa a girar em sentido anti-horário. Até o momento em que dá meia volta e passa a descer, colocando-se rumo ao sul entre a



África e a América latina: “A península cai, sim, não há outra maneira de o dizer, mas para o sul, porque é assim que nós dividimos os planisférios” (SARAMAGO, 2006, p.278).

O novo lugar ocupado pela jangada de pedra que se desprende da Europa encontra-se entre suas ex-colônias, em um gesto de identificação cultural, se pensarmos nas línguas, e identificação econômica, já que os países agora vizinhos pertencem ao bloco intitulado Terceiro Mundo, lugar do possível pertencimento ibérico em relação ao continente europeu.

Esse novo lugar, porém, ao mesmo tempo que aponta para uma harmonia entre os países, não dá chance aos mesmos de se manifestar frente a nova e problemática cartografia. Problemática porque é com naturalidade que a península se fixa entre os mesmos povos que desumanamente exploraram.

Colocando Portugal entre a figura de Próspero e Caliban, e refletindo sobre o pós-colonialismo, Boaventura de Souza Santos considera:

Ao evacuar Próspero, essa representação da “nação arco-íris” evacua as relações de poder colonial e transforma o Descobrimento num ato plural, não-imperial, num exercício de fraternidade e democracia intercultural e interéctica. Dessa ocultação podem se alimentar a indolência da vontade anticolonial e a neutralização das energias emancipatórias, sendo, pois, de suspeitar que as elites não sejam ingênuas quando promovem tais representações. (SANTOS, 2003, p.52)

Quando a jangada se coloca entre a África e a América Latina, não há somente uma reestruturação geográfica e política, mas também a implantação de uma nova ordem, um novo tempo, uma nova geração que irá crescer não sob a lógica capitalista, mas sob a lógica do afeto, da solidariedade, da alteridade.

A nova identidade ibérica é apontada, ao final da narrativa, a partir da fecundação coletiva entre as mulheres, indicando que haverá uma nova geração. As protagonistas femininas que se relacionam e possivelmente engravidam de Pedro Orce indicam que essa nova geração terá as nacionalidades ibéricas em seu novo DNA.



Ao pensarmos na fecundação coletiva, lembremos do episódio da *Ilha dos Amores* de Os Lusíadas. Ambos apontam para a emergência de uma nova ordem, mas operam de modos diferentes. Enquanto na ilha dos amores as ninfas recebem os nautas, e a partir dessas relações há a simbologia de uma ascensão divinizadora da nação portuguesa, na *Jangada de Pedra* há uma expectativa também utópica de estabelecer uma nova identidade, em um novo lugar, com uma nova geração, regida, agora, pelos laços da amizade, do afeto e da humanidade, não mais de domínio.

A morte simbólica de Pedro Orce, ao final da viagem, é explicada por Gisela Maria Penha:

Como no universo mitológico, todo nascimento pressupõe uma morte, conforme indicia várias vezes o narrador. O fim de Pedro Orce é previsível: “Já não a sinto, a terra, já não a sinto, os olhos dele escureceram, uma nuvem cinzenta, cor de chumbo, passava no céu, devagar, muito devagar” (p.314). Morte simbólica, cujo sentido aponta para uma outra morte: a da península em seu molde conhecido, porém não mais sustentável. Recriá-la como outra é a grande questão da escrita ficcional.” (PENHA, 2007, p.103)

A vara de negrilho, que enverdece sobre o túmulo do personagem, aponta para o recomeço esperançoso da península ibérica, que a partir da insólita cartografia de José Saramago, deixou de ser península, revisitou e reescreveu o seu passado, e distante da Europa e ao lado de seus pares, começa a construir uma nova identidade. O fim da narrativa aponta para um novo começo, e, assim, “A viagem continua” (SARAMAGO, 2006, p.291).

4. Considerações finais: Entre jangadas de pedras e ilhas desconhecidas

“Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?”
(SARAMAGO, 2006, p.15)

Diferenciando as narrativas da poesia e da história, Aristóteles, na *Arte Poética*, considera que a história é responsável por narrar o que aconteceu, já a poesia, o que poderia ter acontecido. Ao imaginar uma ilha desconhecida, ou uma península que rompe as ligações com seu continente, Saramago, rompendo com os limites impostos



pela cartografia a partir das fendas, rachaduras e desvios, abre possibilidades para se repensar a identidade portuguesa que se encontra à deriva. Desautomatizando o lugar-comum (*topos*) do imaginário português, o mar, assim como as embarcações, são meios de navegar à procura da própria identidade, assumir os erros do passado e projetar-se para um futuro possível.

Os desfechos que ficam abertos no final de cada narrativa sugerem que o processo de construção de uma identidade é como uma viagem que não tem fim. Nesta viagem, que é sempre busca de si, as relações que empreendemos com o outro e com as diferenças atribuem sentido à nossa existência, como país ou como indivíduos.

A partir da reconfiguração cartográfica saramaguiana, as alegorias presentes no *Conto da Ilha Desconhecida* e na *Jangada de Pedra*, em um compromisso estético e ético, proporcionam novas descobertas e possibilidades não só da identidade portuguesa como também da nossa própria identidade.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Martins Fontes, 2002.

CERDEIRA, Teresa Cristina. *O avesso do bordado: ensaios de literatura*. Ed. Caminho, 2000.

CHAUVIN, JEAN PIERRE. *José Saramago e a poética da Insubordinação*. Estudos Avançados, v. 34, n. 98, p. 345-356, 2020.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.4. São Paulo: Ed. 54, 1997.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. *As práticas de subjetivação nos espaços d'O Conto da Ilha Desconhecida. Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares*. São Carlos: Claraluz, p. 63-74, 2009.

GIL, José. *Portugal, Hoje: O medo de existir*. In: *O país da não-inscrição*. Lisboa: Relógio D'água, 12ªed, 2008.



PENHA, Gisela Maria de Lima Braga. *A jangada de pedra: uma viagem alegórica à poética de José Saramago*. Editora UNESP, 2007.

LOURENÇO, Eduardo. *A Europa Desencantada: Para uma mitologia europeia*". In: *Fantasmagoria europeia: nós e a nova Espanha*. Gradiva, 2001.

LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. Imprensa nacional-Casa da moeda, 1994.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. In: *Psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

LOURENÇO, Eduardo. *Situação Africana e Consciência Nacional*. Amadora: Gênese, 1976.

LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como destino: dramaturgia cultural portuguesa*. In: *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P.89-152.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Um Falcão no Punho*. 2.a ed. Lisboa: Relógio D'Água, 1988.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*. In: *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 10ed. São Paulo: Cortez, 2005. P.135-157.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade*. *Novos estudos CEBRAP*, n. 66, p. 23-52, 2003.

SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARAMAGO, José. *O Conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

